

## **Machismo na Política e Seu Peso no Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff<sup>1</sup>**

Brenda Caroline Araújo Rodrigues DA SILVA<sup>2</sup>  
Leideane Macario DINIZ<sup>3</sup>  
Thais Rodrigues de Moura LIMA<sup>4</sup>  
Rogério Luiz COVALESKI,<sup>5</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

**RESUMO:** O presente artigo tem por finalidade apontar a existência do machismo na política brasileira a partir do caso Dilma Rousseff. Foi utilizada uma metodologia mista envolvendo revisão de literatura, análise do discurso e estudo de caso para embasar o estudo, tendo como hipótese principal argumentar que a reprodução do machismo contribui para um enfraquecimento da visão da mulher na política até nos cargos mais elevados, o que contribui para o desinteresse e/ou falta de representatividade feminina.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres na política; machismo; representatividade; comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

O feminismo é algo que vem sendo debatido desde o século 15, segundo apontam alguns historiadores, no entanto sua forma contemporânea surgiu durante a Revolução Francesa, em 1789. Nos últimos duzentos anos, o Movimento Feminista passou por diversas mudanças, mantendo sua base ideológica de luta por equidade em diversos eixos.

O machismo, que está fortemente arraigado na cultura contemporânea, é corriqueiramente reproduzido de maneira velada. No universo da comunicação pode ser percebido a objetificação feminina em diversos casos publicitários dos mais variados

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: b.araujopublicidade@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: leideanediniz@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: thais.rmlima@gmail.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: rogerio@covalski.com.br

segmentos, algo que por muitos anos foi visto como natural e que serve de exemplo para enxergarmos a naturalização desse discurso.

Neste artigo, analisaremos tais discursos acerca deste tema, onde foram levantadas algumas hipóteses: ao reproduzir um machismo velado na política, estamos contribuindo para uma não representatividade<sup>6</sup> feminina e reforçando estereótipos de gênero? A falta de representantes mulheres se dá devido ao fato destas não assumirem cargos de destaque? Através de vídeos, artigos e literaturas, sob a ótica da análise do discurso, debatemos sobre o machismo velado na política, a representatividade feminina e o papel da comunicação nesses casos, refletindo se tais situações influenciaram ou não na escolha dos eleitores.

## **1. Machismo Velado na Política**

### **1.1. Um breve conceito**

Os debates sobre machismo iniciaram com o surgimento e fortalecimento do Feminismo, movimento político e ideológico com várias vertentes e que luta pelos direitos das mulheres na sociedade. Uma das precursoras desse movimento foi a francesa Simone de Beauvoir com sua obra “O segundo sexo” (1949), nela “mostrou que ser homem ou ser mulher consiste numa aprendizagem. As pessoas aprendem a se conduzir como homem ou como mulher, de acordo com a socialização que receberam, não necessariamente de acordo com o seu sexo.” (MOTTA, SARDENGERG, GOMES, 2000, p. 23).

Essa crítica não se restringiu aos pensamentos da francesa, mas foram essenciais para o conceito de gênero e para os debates acerca do machismo.

Quando as distribuições desiguais de poder entre homens e mulheres são vistas como resultado das diferenças, tidas como naturais, que se atribuem a uns e outras, essas desigualdades também são “naturalizadas”. O termo gênero, em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para demonstrar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessa grande diferença. Na linguagem

---

<sup>6</sup> É o quanto determinado grupo é representado na cultura, na política, na economia, na mídia e em todas as outras esferas da sociedade.

do dia a dia e também nas ciências a palavra sexo remete a essa distinção inatas, biológicas. Por esse motivo, as autoras feministas utilizam o termo gênero para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidades. (PISCITELLI, 2009, p. 119)

Uma vez que o caráter cultural e histórico foi moldando as diretrizes da sociedade e dos papéis sociais dos homens e mulheres, elas acabaram se tornando uma leve sombra como afirmado por Michelle Perrot (2005, p.33). O que ambas as autoras destacam em seus argumentos é que diferente do sexo biológico - que por si só já diferencia homens e mulheres, a citar a capacidade única de bebês serem gerados apenas no interior feminino - algumas características e obrigações não são únicas para um dos sexos, mas sim, foram construídas para que essa forma de pensar seja considerada a normal.

Enquanto ao nascer os meninos são instruídos a brincar com carros, praticarem esportes e lutas marciais refletindo um futuro de sucesso e de provedor financeiro e de segurança, as meninas são ensinadas a brincar de casinha e com bonecas, sempre no papel de dependente e de mãe. Quem definiu o azul para menino e rosa para menina? Porque muitos homens acham que as mulheres servem unicamente para satisfazer seu desejo sexual, ao ponto de assediar uma mulher no meio da rua por considerá-la atraente? É essa naturalização de papéis, que destaca o masculino como forte e que o machismo se encontra, sendo muitas vezes reproduzido sem reflexão.

## **1.2. O machismo na política**

Trazendo esse estudo para dentro do cenário político, podemos ver através do número de mulheres em cargos políticos o quanto esse preconceito ainda está arraigado. Principalmente se considerarmos que, segundo o site do IBGE, a projeção da população feminina em 2017 é estimada em 50,65% da população total. Ou seja, no Brasil existem mais mulheres que homens.

Mas, quando se trata de representatividade no cenário político, os números são bem diferentes. Por exemplo, no congresso brasileiro temos um total de 513 cadeiras, dessas apenas 51 são ocupadas por mulheres, totalizando um percentual de apenas

9,94%. No Senado não existe uma diferença muito grande, das 81 cadeiras, apenas 13 são ocupadas por mulheres. O que nos traz um total de 16,04%. Número não condizente com a quantidade da população feminina no país.

Considerando também que segundo a Lei p 9.504/1997 pelo menos 30% dos filiados a um partido devem ser de gênero diferente dos demais, para isso acontecer de fato, seria necessária uma representação mínima duas vezes maior no Senado e pelo menos três vezes maior no congresso.

O desinteresse pela política, a falta de habilidade para o exercício de cargos públicos e o não pertencimento à esfera política são, assim, conectados em um conjunto de discursos que atendem a uma regularidade sem que se apresentem de forma homogênea. A oposição entre, de um lado, feminino e espaço privado, e, de outro, masculino e espaço público, [...], está na base desses estereótipos, confirmando divisões e hierarquias que colaboram para a marginalização das mulheres da e na esfera política. (BRIOLI, 2010)

Os pontos que Brioli destaca são pontos de reforço ao que foi citado de Piscitelli anteriormente, pois é falado aqui que as mulheres não têm interesse pela política, quando na verdade o que ocorre é que as mulheres desde cedo são ensinadas a serem boas donas de casa, boas mães e não necessariamente a se interessarem pelas coisas externas. Afinal, isso é papel dos homens. Que por sua vez reforçam esse estereótipo de que lugar de mulher é na cozinha, é atrás do fogão, é cuidando de filhos e que as únicas aptidões da mesma são essas. Sendo assim, são desqualificadas para assumir cargos públicos.

As mulheres historicamente, incorporaram estes conceitos que foram construídos pela sociedade e foram mantidas fora do ambiente político. Com o acesso aos dados de quantitativo de mulheres nesse âmbito, vemos que ainda estamos muito longe do ideal. Entretanto, vamos ainda mais longe quando constatamos que das mulheres que assumem tal poder, nem todas lutam para dar lugar a voz feminina. Elas estão lá, conseguiram um lugar de fala almejado por tantas que querem de fato uma representante para população feminina do país, entretanto, por muitas vezes estas não lutam por essa classe, e sim em prol de interesses próprios ou até mesmo submetendo-se aos homens que também encontram-se lá, diminuindo ainda mais a representatividade feminina dentro desse cenário. O melhor exemplo disso é o Partido da Mulher Brasileira

- PMB, onde podemos ver em algumas das falas da então presidenta do partido, Suêl Haidar, a contraposição com todas as batalhas que as mulheres têm travado atualmente e o posicionamento antifeminista do partido. Em entrevista ao Carta Capital surgiram as seguintes falas da presidenta:

"Queremos eleger mais mulheres na Câmara", diz Haidar. Mas isso não significa que os interesses da mulher estarão no centro das propostas. "O partido vai atender a sociedade como um todo, homens e mulheres", completa. A descriminalização do aborto, por exemplo, passa longe das propostas. "É claro que somos contra." (MELO, 2016)

Ainda na mesma matéria, a professora Lúcia Avelar (in MELO, Débora), que integra o Centro de Estudos de Opinião Pública da Unicamp diz: "Depois de tantos anos de luta feminista e estudos de gênero no País e no mundo, temos de conviver com um Partido da Mulher Brasileira totalmente fora dessas propostas." Podemos concluir então, que mesmo com o nome do partido, o mesmo está longe de ter interesse em lutar pelas causas tão amplamente discutidas por feministas e importantes para o posicionamento e representatividade da mulher dentro da política, e por que não dizer, dentro da sociedade.

Além do discurso da presidente do partido temos também a fala citada na mesma matéria da Advogada, ex-diretora da Agência Nacional de Aviação Civil e pré-candidata à prefeitura de São Paulo pelo PMB, Denise de Abreu: "O partido da mulher é antifeminista. É a resposta necessária para reposicionar a mulher em seu devido lugar, um lugar especial como centro aglutinador da família." Ou seja, o partido vai de encontro a toda a luta feminina para ter espaço e voz em qualquer lugar, e até mesmo com a proposta do partido de ter maior representatividade na câmara, visto que defende que o lugar da mulher é como "centro aglutinador da família".

Como diz a pesquisadora Luciana Ramos, professora da Fundação Getúlio Vargas e autora de uma tese sobre a representação da mulher na política brasileira: "É um partido com pouca ou nenhuma ideologia.". Afirma-se isso com base na fala da própria presidenta do partido que diz que o partido ainda precisa amadurecer para dar muitas respostas a respeito do que veio, e ainda completa: "É um partido como outro partido.".

Com base em todos os fatos apresentados podemos considerar que não basta ser mulher e está dentro da câmara para haver uma representação feminina, é necessário que a mulher que lá esteja, tenha interesse em defender as pautas femininas.

Um outro problema do PMB é que apesar de dizer defender uma maior representatividade de mulheres dentro do cenário político, diz também ser a favor da inclusão de homens - como se os mesmos já não estivessem muito bem representados, diga-se de passagem - sendo assim, falando de número, apenas duas mulheres compõem o quadro de 20 deputados federais representando o partido. E o mesmo tem um homem como único representante no Senado. Senador este que foi acusado, em 2010 quando era filiado a outro partido, de abusar sexualmente de sua sobrinha, menor de idade. E como se não bastasse, para ser considerado um absurdo a filiação do mesmo ao partido, quando anunciou sua filiação ao mesmo, fez questão de exaltar as “qualidades” das mulheres: “trazer alegria e prazer ao homens.”

Diante da apresentação de tais dados, fica claro o quanto a luta feminina ainda precisa crescer. E mais ainda, fica clara a necessidade de ter representantes femininas que de fato se coloquem como defensoras de tais pautas e talvez até a criação de um “verdadeiro” partido da mulher brasileira, que apoie as causas femininas, mostre a que veio e que mais que tudo apoie que “lugar de mulher, é onde ela quiser”.

## **2. A Percepção do Machismo na Sociedade e na Comunicação**

Discussões sobre o machismo e seus impactos na visão política sob os eleitores são temas que estão sendo debatidos nas universidades e na mídia. Recentemente Shonda Rhimes, escritora e diretora do seriado “Scandal”, abordou a temática em alguns episódios, sendo o de maior destaque a entrevista contida na terceira temporada, episódio seis, aos 29 minutos. Nele a personagem Josephine Marcus (interpretada pela atriz Lisa Kudrow) questiona a abordagem e as entrelinhas dos discursos da oposição e da mídia ao lembrar sempre sua condição de mulher e estereótipos associados, sem precisar utilizar a palavra. Esse enfoque na figura feminina e não nas suas aptidões surgem de diversas formas, quer seja no cenário ou até na própria fala, é uma

reafirmação do “sexo frágil” e de seu papel normativo do que é ser mulher, mesmo de maneira não intencional.

Durante as eleições de 2014 e o mandato da presidente Dilma Rousseff, diversas foram as agressões sofridas, porém mais que divergências políticas as críticas eram voltadas a sua figura feminina. A análise aqui proposta não visa a defesa de uma posição política, mas um estudo dos impactos dessa manifestação na postura do eleitor.

## 2.1. Análise do caso Dilma

De acordo em Paulo Baía, sociólogo político, em entrevista para as Rádios EBC o impeachment da presidente não estava relacionado com o machismo, embora concorde que ela é vítima do preconceito.

Não é por machismo, mas as ela é vítima porque a sociedade brasileira é machista. Então, temos um viés machistas nas críticas feitas, sobretudo nas críticas mais radicais. Mas o processo de impeachment não; ele vem de uma luta política pós eleições de 2014 e veio ganhando força ao longo do ano dentro da Câmara dos Deputados e no Senado Federal até chegarmos ao dia de hoje. (BAÍA, 2016)

Entretanto o que deixou de ser levado em consideração foi a bagagem de violências sofrida por ela durante toda sua carreira e que isso, sim, contribuiu para uma visão negativa de sua imagem. Reproduzimos misoginia em posicionamentos radicais e isso é simplesmente ignorado quando analisamos o todo. Muitas pessoas ao valerem de sua “liberdade de expressão”<sup>7</sup> acabam reproduzindo um discurso de ódio, indo de encontro aos direitos humanos, uma vez que essa liberdade não é assegurada quando denigrem a imagem de uma pessoa ou grupo de pessoas devido a seu sexo, raça, religião, nacionalidade<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Constituição Federal de 1988, Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

<sup>8</sup> Constituição Federal de 1988, Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

É curioso como vivemos em meio a reflexões e trabalhos de conscientização acerca do *cyberbullying*<sup>9</sup> entre crianças e jovens e não reconhecemos seus impactos nos casos de ataque e disseminação de ódio contra a personagem em questão. Os ataques a Dilma Rousseff se iniciaram antes mesmo de seu primeiro mandato (Figuras 1 e 2), mas foi após a posse de seu segundo mandato que escândalos políticos foram surgindo, sua popularidade caindo e os ataques aumentando (Figura 3).



**Figura 1:** Comparação entre Dilma e um botijão de gás. **Fonte:** Site Ego



**Figura 2:** Xingamentos antes do período eleitoral. **Fonte:** Twitter/2013

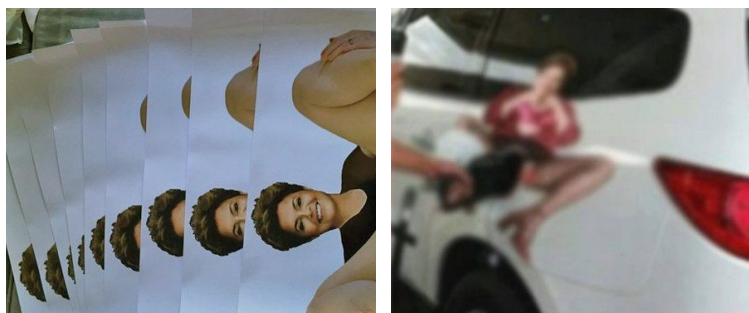


**Figura 3:** Xingamentos durante o segundo mandato. **Fonte:** Twitter/2014

<sup>9</sup> O *cyberbullying* é um conceito utilizado para definir agressões, xingamentos, constrangimentos no meio digital, em geral é mais devastador que o *bullying* tradicional, uma vez que sua atuação não está restrita a barreiras físicas e seus agressores se sentem protegidos por trás das telas.



Foram inúmeros casos de xingamentos dentro e fora da internet. Alguns deles ficaram marcados em nossa memória, como as vaias à presidenta durante a abertura da Copa do Mundo em 2014, onde claramente se ouvia insultos como “vagabunda” e “vadia”; e os adesivos para carros que chegaram a ser vendidos no Mercado Livre<sup>10</sup> e traziam um discurso extremamente sexista. Este caso foi investigado pelo Ministério Público Federal<sup>11</sup> e chegou a ser mencionado e repudiado pela ONU<sup>12</sup>. O adesivo trazia a figura da presidenta com pernas abertas, sendo a sua região genital, a entrada para a bomba de abastecimento do veículo (Figura 4). A oferta de tal produto só foi mais absurda do que o interesse de aquisição: “de acordo com os usuários dos adesivos, objetivo era ‘protestar’ contra o aumento do preço da gasolina”<sup>13</sup> (sic.).



**Figura 4:** Adesivo depreciativo da presidenta em tanque de gasolina. **Fonte:** Pragmatismo Político

O impacto desse discurso machista, aqui ilustrado, somado ao ocorrido durante a copa do mundo - evento internacional, em que a mesma sofreu vaias e xingamentos - projetou de forma negativa a capacidade de governar da ex-presidenta, enfraquecendo-a em âmbito mundial, e justificando seus “erros de governabilidade” apenas com o fato dela ser mulher.

Comparativos referentes à seu corpo, orientação sexual, desqualificação profissional, incompetência e ataques de fúria estão diretamente ligados ao estereótipo feminino. Tal ponto pode ser observado quando se fez um comparativo da ex-presidenta

<sup>10</sup> Famoso site de e-commerce <[www.mercadolivre.com.br/](http://www.mercadolivre.com.br/)>

<sup>11</sup> Ministério Público identifica anunciante dos adesivos infames de Dilma. Acessado em 18.04.17, disponível em: <<https://goo.gl/nXw9AK>>

<sup>12</sup> ONU repudia ataques sexistas à Dilma e conclama tolerância zero ao machismo. Acessado em 18.04.17, disponível em: <<https://goo.gl/sFODYYY>>

<sup>13</sup> Adesivos de Dilma com pernas abertas são a nova moda contra a presidente. Acessado em 18.04.17, disponível em: <<https://goo.gl/hgaHmk>>

com a atual primeira-dama, Marcela Temer - que ficou marcada pelo bordão publicado pela revista Veja<sup>14</sup>: “Bela, recatada e do lar” (Figura 5). A polêmica frase cunhada pela Veja reforça o estereótipo da “mulher perfeita”: a boa esposa, dona de casa, que está sempre bela e preocupada em cuidar da casa, marido e filhos - uma figura que há tempos foge da realidade sociocultural na qual vivemos, uma vez que as mulheres já conquistaram diversos espaços que no século passado eram tidos como inapropriados ou proibidos, e na maioria dos casos, sem deixar de assumir tais funções - mulheres trabalham 7,5 horas a mais que homens.<sup>15</sup>



**Figura 5:** Reportagem da revista Veja sobre Marcela Temer. **Fonte:** Reprodução/Veja

Em abril de 2016, a revista IstoÉ trouxe em sua capa a imagem de Dilma numa expressão de exaltação junto à seguinte frase: “As explosões nervosas da presidente”<sup>16</sup>. O texto falava sobre um suposto descontrole emocional, tratamentos à base de medicação e ataques de fúria da presidenta. Comparando a capa com capas semelhantes que trazem uma figura masculina, podemos perceber o discurso machista contido em cada frase. Enquanto ela é lida como histérica e é comparada à “D. Maria, a louca”, enquanto Dunga - enquanto ainda era treinador da seleção brasileira de futebol - saiu na revista Época numa imagem semelhante sendo tido como “o que usa a raiva a seu favor” e que possui “o dom da fúria” (Figura 6).

<sup>14</sup> Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Acessado em 18.04.17, disponível em: <<https://goo.gl/uev6p8>>

<sup>15</sup> Mulheres trabalham 7,5 horas a mais que homens devido à dupla jornada. Acessado em 18.04.17, disponível em: <<https://goo.gl/gO3yP0>>

<sup>16</sup> Uma presidente fora de si. Acessado em 18.04.17, disponível em: <<https://goo.gl/TVDV4V>>



**Figura 6:** Comparativo entre as abordagens midiáticas e o significado atribuído à raiva de acordo com o gênero do envolvido **Fonte:** Reprodução/istoé/época

Na maioria das vezes em que estes temas eram questionados por grupos feministas, os contra-argumentos tentavam desqualificar as questões levantadas sob a ótica da “feminista espantalho” - termo cunhado pela jornalista Ellen Goodman em seu artigo “Straw Feminist Declares Open Season on Men” - que nada mais é do que a personificação de todos os aspectos negativos associados ao feminismo:

Sempre que uma mulher defendia seus direitos, ela podia ouvir a pergunta através de olhares desconfiados: ‘Você não é uma daquelas feministas, é?’ Tanto que muitas jovens mulheres começavam até os seus mais modestos argumentos com um olhar nervoso para essa figura de vodu, dizendo ‘Não sou feminista, mas...’. (GOODMAN, 1994)

Essa deslegitimação da causa durante o combate ao machismo traz como consequência a falta de representatividade feminina no âmbito político, além de reforçar a reprodução do machismo<sup>17</sup> partindo de mulheres.

## 2.2 Machismo Velado

Além do machismo enfrentado, ela ainda suportou a sua forma velada, casos não percebidos como tais por já estarem naturalizados. Usaremos como objeto a entrevista concedida pela candidata ao Jornal Nacional - no dia dezoito de agosto de dois mil e quatorze - por William Bonner e Patrícia Poeta.

<sup>17</sup> Na teoria feminista, acredita-se que uma mulher (que é a oprimida no sistema) não pode ser machista, porque ser machista é a marca e a ‘arma’ do opressor (o homem). No entanto, uma mulher pode usar o discurso machista para conseguir alguma aceitação entre os opressores.

Existe um costume em nossa sociedade de que o poder de voz é predominantemente masculino e por esse motivo em muitos debates ocorre o que chamamos de *maninterrupting*<sup>18</sup>, ou seja, a interrupção do discurso feminino por um homem, e foi justamente o que aconteceu durante as rodas de debates propostas pelo Jornal Nacional<sup>19</sup>. Ao observar o comportamento de William Bonner durante a entrevista é possível notar ao menos três atitudes, sendo a primeira justamente essa incessante interrupção, mesmo a candidata pedindo para terminar o raciocínio, acompanhada de uma alteração no tom da voz, a fim de se impor. Essa atitude é um reflexo da visão que a voz masculina tem mais prestígio que a feminina e que aquela precisa ser ouvida, enquanto as mulheres se calam e aceitam. Vale a pena ressaltar que tal atitude não foi cometida com os demais candidatos, sendo essa a entrevista mais agressiva, em comparação com dos demais.

Ainda durante a entrevista as perguntas destinadas a candidata estavam associadas a seu partido, como se a candidata não fosse capaz de governar sozinha, mas refêm deles, a citar:

“Qual é a dificuldade da senhora se cercar de pessoas honestas, que lhe permitam formar uma equipe de governo honesta e que evite essa situação que nós vimos de repetidos casos de corrupção? Não pode haver uma sensação no ar de que o PT descuida da questão ética ou da corrupção?”

“[as trocas de ministros durante o governo Dilma] Não foram exigências dos partidos?”

“[...] Seu governo diz que sempre investiu muito na área de saúde. E essa continua sendo exatamente a maior preocupação dos brasileiros, segundo uma pesquisa do Datafolha, mesmo depois de doze anos do governo do PT, ou seja, mais de uma década, candidata. Não foi tempo suficiente para colocar as coisas nos trilhos não?”

Em nenhuma das perguntas citadas o foco eram as propostas de governo ou o posicionamento da entrevistada, mas o impacto que o partido tinha sobre ela. Cada vez mais suas atitudes são comparadas com decisões do partido, na última pergunta exposta a repórter fala em doze anos de governo do PT, enquanto apenas quatro foram sob seu

<sup>18</sup> Do inglês “interrupção masculina” - é quando um homem constantemente interrompe a fala de uma mulher.

<sup>19</sup> A entrevista pode ser encontrada no seguinte link:

<<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/videos/t/todos-os-videos/v/dilma-rousseff-e-entrevistada-no-jornal-nacional/3572518/>>, Acesso em 18 de abril de 2017.

governo, não cabendo a ela responder pelo governo de seu antecessor. Esse é outro reflexo da visão social em que ela se insere, a continuidade do governo Lula.

Ao estar associada a Luiz Inácio na eleição de 2010, conquistou muitos votos, porém acabou despertando a visão machista da sociedade de que por trás de seu governo existiria a figura masculina do ex-presidente. Para Ernani Carvalho (in: STRUCK, Jean-Philip, 2016) - cientista político da Universidade Federal de Pernambuco - “nem Lula nem Dilma desejavam inicialmente esse arranjo. Na prática, ela impôs uma autotutela, correndo o risco de virar uma mera rainha da Inglaterra, uma figura decorativa”. Embora tenha adotado uma postura mais independente no segundo mandato, a sua fama permaneceu, sendo vítima de piadas e críticas na internet.

Na Figura 7 é possível ver com bastante clareza o que o povo brasileiro enxergava da liderança de Dilma, um mero fantoche que na realidade era manobrado pelo ex-presidente Lula. Talvez ela não tenha sofrido o impeachment, como defendido pelo sociólogo político, por machismo, mas é inquestionável que tal reprodução enfraqueceu a visão da governante frente ao povo e que isso contribuiu para o processo.



**Figura 7:** Charge que representa a visão social sobre o governo Dilma/feminino. **Fonte:** Arnaldo Lima

### 3. Considerações Finais

A temática da pesquisa é de grande relevância, uma vez que aborda dois fatores históricos diretamente relacionados, a eleição da primeira mulher na presidência do

Brasil e seu posterior impeachment. A pesquisa em questão não buscou estudar seu governo e se existiu ou não o chamado “Golpe” pelo atual presidente Michel Temer, mas apontar casos de machismo em sua forma explícita e velada e como isso contribuiu para um enfraquecimento da mesma.

O estudo do caso Dilma é apenas um exemplo que ganhou visibilidade dentre tantas outras que sofrem com essa violência no âmbito político. A pesquisa mostra a realidade enfrentada por muitas mulheres que têm dificuldades não só para entrar, mas também para permanecer no âmbito político, pois as barreiras são muito maiores, tendo em vista que não só a questão de competência é levada em consideração, mas também, e por que não dizer principalmente, a questão de gênero.

A pesquisa sobre a temática ainda tem muito a ser estudado e debatido, pois é algo que tem afetado a posição alcançada pelas mulheres e sua representatividade. A partir do momento que o gênero é mais levado em consideração que suas competência toda a luta por igualdade é deixada de lado, sendo, inclusive, um dos principais motivos para o desestímulo de outras mulheres em entrar nesse meio, fazendo com que a disparidade só aumente.

Uma vez que a questão do machismo é histórica e de construção social seus impactos podem ser sentidos em diversos campos, precisando assim permanecer sendo questionado e refletido para que um dia a igualdade seja plena. Assim, homens e mulheres podem concorrer e ocupar cargos por competência, sem diminuir um por questões de gênero.

## REFERÊNCIAS

BAÍA, Paulo. **"Impeachment não ocorre por machismo, mas Dilma é vítima de preconceito"** [maio 2016]. Entrevistador: REZENDE, S. Entrevista Concedida ao Grupo EBC Rádios, rádio Nacional Brasil. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/nacional-brasil/edicao/2016-05/impeachment-nao-ocorre-por-machismo-mas-dilma-e-vitima-de-preconceito>>, Acesso em 18 de abril de 2017.

BIROLI, Flávia. **Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras**: ausências e estereótipos. Cadernos Pagu, n° 34, janeiro-junho de 2010, p. 273.

**Constituição Federal - Constituição da República Federativa do Brasil 1988.** Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/155571402/constituicao-federal-constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988>>, Acesso em: 18 de abril de 2017.

MATTOS, Luma. **Machismo e misoginia no jornalismo brasileiro.** Disponível em: <<http://www.divasemfrescura.com/tag/misoginia/>>, Acesso em: 18 de abril de 2017.

MELO, Débora. **“A que veio o Partido da Mulher Brasileira?”** [fevereiro, 2016]. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-que-veio-o-partido-da-mulher-brasileira>>, Acesso em 20 de abril de 2017.

MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; e GOMES, Márcia (orgs). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas.** Salvador: NEIM/UFBA, 2000, p. 23.

ORRICO, Alexandre; FARAH, Tatiana. O processo de impeachment de Dilma muitas vezes abriu espaço para o machismo. **BuzzFeed News.** 12 de Maio de 2016. Disponível em: <[https://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/impeachment-e-machismo?utm\\_term=.phL0la915#.rgrk8elmz](https://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/impeachment-e-machismo?utm_term=.phL0la915#.rgrk8elmz)>, Acesso em 18 de abril de 2017.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história** / Michelle Perrot : tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p.33

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito.** In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009 - (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais), p.119.

ROUSSEFF, Dilma Vana. **Dilma Rousseff é entrevistada no Jornal Nacional** [ago. 2014]. Entrevistadores: W. Bonner e P. Poeta. Brasília. Entrevista concedida ao Jornal Nacional. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/videos/t/todos-os-videos/v/dilma-rousseff-e-entrevistada-no-jornal-nacional/3572518/>>, Acesso em 18 de abril de 2017.

SANTOMAURO, Beatriz. **Cyberbullying: a violência virtual.** 10 de jun. 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1530/cyberbullying-a-violencia-virtual>>, Acesso em 18 de abril de 2017.

SILVA, Gustavo A. A liberdade de expressão e o discurso de ódio. **JusBrasil.** 18 de nov. 2014. Disponível em: <<https://gus91sp.jusbrasil.com.br/artigos/152277318/a-liberdade-de-expressao-e-o-discurso-de-odio>>, Acesso em 18 de abril de 2017.

STRUCK, Jean-Philip. Dilma, uma presidente emérita? **Deutsche Welle.** São Paulo, 17 de mar. 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/dilma-uma-presidente-em%C3%A9rita/a-19121408>> , Acesso em: 18 de abril de 2017.